

VIVÊNCIAS PSICOPEDAGÓGICAS NA EJA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Analice Maciel de Melo¹
Aline Carvalho de Almeida²

RESUMO

O público que frequenta a educação de jovens e adultos (EJA) é caracterizado por uma parte da população afetada por questões sociopolíticas e econômicas. De trabalhadores à jovens, donas de casa à desempregados, a modalidade de ensino lida com questões distintas das encontradas na educação tradicional. Com a preocupação da vida adulta, a evasão na EJA é causada por compromissos com a família, trabalho e/ou desapontamento com a educação. O presente relato de experiência reúne registros de atividades realizadas no estágio supervisionado em Psicopedagogia no contexto da EJA. O objetivo geral é aprofundar os conhecimentos sobre os processos de aprendizagem dos sujeitos da EJA, conhecendo sobre as relações que constroem com o conhecimento e com os docentes e quais suas perspectivas de vida, de sociedade e de si mesmos. Assim, o estágio se dividiu em duas partes: a avaliação, marcada por observações, dinâmicas e entrevistas com os profissionais, e a intervenção, caracterizada por um conjunto de atividades que visaram desenvolver e refletir acerca da aprendizagem dos estudantes. Foram realizadas atividades como: teste de figuras, buscando trabalhar a motivação através do resgate de memórias, vision board permitindo planejamento, a visualização de metas e autoestima, atividades de relaxamento para descansar das demandas do cotidiano, oficina de pinturas com a construção de um auto retrato e promovendo o autoconhecimento e a criatividade, concurso de soletração para estimular habilidades de leitura e escrita e a aquisição de vocabulário. Por fim, uma atividade musical onde os estudantes puderam refletir sobre letras de músicas que se identificaram a fim de trabalhar essa reflexão através da musicalidade. Com os docentes, foi trabalhado informações atualizadas sobre as políticas de permanência nas Universidades Públicas. Portanto, entende-se as dificuldades da EJA como um campo necessário para intervenção para melhorar na prática docente e estimular a qualidade de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Atuação docente, Ensino, Reflexão, Aprendizagem, Práticas na EJA.

INTRODUÇÃO

Historicamente, o Brasil é um país marcado por dificuldades sociais, econômicas e políticas. Reflexo de uma desigualdade social, o acesso à educação apresenta ausência de um sistema igualitário que garanta a todos os cidadãos o direito à aprendizagem desde cedo. Por situações como essa, é comum que muitas crianças e jovens não adquiram os conhecimentos básicos para uma formação devido a fatores como a pobreza, a necessidade de trabalhar para

¹ Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, analice.melo@academico.ufpb.br ;

² Professora orientadora: Doutorado em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba -UFPB, alinealmeidapb@hotmail.com.

sobreviver e/ou sustentar a família, falta de transporte público e a violência, que se faz mais presente nos bairros afastados da área nobre das cidades.

Com a necessidade de formalizar um aprendizado de um público vulnerável às deficiências que o país enfrenta, surgiu de maneira informal, nos anos de 1940, os primeiros movimentos para uma educação de massa (Beisiegel, 2008) o que viria a se tornar a modalidade de ensino de jovens e adultos (EJA), visando alfabetizar, qualificar aqueles que buscavam adquirir conhecimentos, uma melhor oportunidade no mercado de trabalho ou apenas a realização de um sonho incompleto. Ainda em seus primórdios, a EJA teve um apoio político para sua edificação até o ingresso na Lei 9.394 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) no ano de 1996.

Nos dias atuais, essa categoria de ensino continua atendendo aqueles a qual se destinava desde o início. O público é marcado por donas de casa, que não conseguiram concluir os estudos, trabalhadores, que, em sua maioria, o fazem desde cedo, desempregados, que buscam melhores condições no mercado de trabalho - todos esses incubidos de uma necessidade de se sentirem dignos de exercerem sua cidadania completa - e os jovens que podem apresentar os exemplos acima ou optam pelo estudo no período noturno.

Durante o estágio na Escola Cidadã Integral Técnica João Roberto Borges de Souza, é notório a presença característica de pessoas de baixa renda que necessitam daquele estudo para garantir uma melhor oportunidade no mercado de trabalho ou a satisfação em conquistar um diploma. Com as diversas realidades encontradas e não investigadas, torna-se difícil descrever com cautelas o verdadeiro significado da EJA para todos naquela sala de aula, mesmo assim, foi trabalhado atividades que buscassem o desenvolvimento da autoestima e motivação no aprendizado.

Com o corpo docente, entende-se a dificuldade enfrentada pelos professores devido ao alto nível de evasão escolar dos estudantes, novamente por questões pessoais que implicam nesse abandono. Em primeira análise, observa-se a angústia da não conclusão de uma turma completa, o curto período de duração das aulas, uso de telas por parte dos jovens (tendo em vista que a Lei 15.100/2025 proíbe o uso de aparelhos celulares nos espaços escolares) e a ausência de material didático que impede um exercício de qualidade da profissão docente e a participação dos estudantes nas atividades propostas. Além disso, outras problemáticas também estão presentes no cotidiano escolar da EJA. Muitos jovens são moradores da periferia da cidade e crescem em realidades tomadas pela criminalidade e abuso de substâncias químicas. O público da EJA é marcado por fatores culturais que diferem das realidades encontradas no ensino fundamental ou médio, por isso, é necessário que o docente

tenha ciência das diversas situações que poderá enfrentar enquanto ensina na educação de jovens e adultos.

Em momentos de diálogos com um grupo de estudantes, foi possível notar através de suas palavras que muitos, desde cedo, já estão envolvidos com o consumo de entorpecentes e ligados a infrações jurídicas. Um professor foi vítima de alguns desses estudantes. Segundo relato do educador, semanas antes na sala dos professores, houve uma discussão sobre as notas baixas que esses alunos tiraram na prova. A coordenadora sugeriu uma nova oportunidade para os estudantes alcançarem uma maior média. Os mesmos acusaram o professor de ser o responsável pela nota e enfrentaram-o durante um diálogo agressivo por ambas as partes. Tal momento foi presenciado pelos estagiários e causou um receio a postura do professor que admitiu não ter medo do que estava sendo ameaçado. Dias depois, o educador teve seu carro arranhado pelo o que ele suspeita ter sido os estudantes que, após o ato, não apareceram mais em sala de aula.

Apesar das dificultosas relações que os professores lidam diariamente com os jovens estudantes, os educadores devem refletir sobre a maneira como eles agem refutando os próprios alunos. Lembrando sempre do papel de profissional da educação, o professor pode avaliar criticamente suas ações no sentido de aperfeiçoá-las (Perrenoud, 2002). Dessa forma, é indispensável que o educador pense sobre sua prática com um olhar crítico, que contemple as perspectivas políticas e sociais para que ocorra a mudança na prática, não apenas na sala de aula, mas também na escola e na comunidade em que ela está inserida (Contreras, 2002), promovendo uma interação dos alunos com seus estudos e garantindo um bem estar no ambiente institucional, visto que quando estudantes realmente querem alguma coisa, movem céus e terras para consegui-las (Freire, 1986).

Em segunda análise, o educador também enfrenta dificuldades na sua vida pessoal e profissional que, pelas experiências vividas, é capaz de desenvolver seus ideais para atuar na sua profissão, possuindo pontos de vistas diferentes sobre determinadas situações. Por isso, é comum ouvir professores falarem e aconselharem seus alunos com base no que já foi experienciado. Os docentes possuem um repertório de soluções para problemas, portanto, é crucial que haja uma reflexão sobre sua ação para dar conta de solucionar as nuances encontradas nas escolas.

A diversidade de público da EJA é um elemento que interfere na prática pedagógica que foge dos conhecimentos adquiridos na formação técnica docente. A própria modalidade de ensino não possui um regulamento que destaque como refletir e atuar com esses jovens e adultos. Em sala de aula, o professor se dirige ao aluno como se fosse criança, infantiliza o

diálogo, explicações sobre os conteúdos e as avaliações pelo, talvez, receio em dificultar para o público que julga não conhecer tanto. É contraditório pensar que essa ideia exista, pois os mesmos educadores que deveriam tornar aquele conhecimento possível, julgam o aluno como incapaz. Sendo assim, facilita seu trabalho colocando-os como inaptos de aprender o difícil. Segundo Pinto (1987), tratar o aluno da EJA como criança é inadequado, pois não considera o adulto como um ser de saberes e ignora seu desenvolvimento e conhecimento. Os professores devem ter

A consciência de que estes homens e mulheres não são tabulas rasas, mas portam um sem-número de experiências sociais, culturais e afetivas que lhe permitem o acúmulo de saberes em diferentes campos epistemológicos. (MOLL, 2004)

Quando um professor propõe atividades que não condizem com o perfil dos alunos, a aula se torna desinteressante, impedindo assim a aproximação dos conteúdos com a realidade dos mesmos. Através dessa informação, é relevante reforçar que o professor não deve usar da sala de EJA como um contraturno de sua profissão. Assim como o aluno possui seu compromisso, o educador deve também reconhecer seu dever.

O aluno que frequenta a educação de jovens e adultos pode possuir conhecimentos práticos além dos conteúdos vistos em aula e infantilizar seu ensino pode ser prejudicial para seu aprendizado e motivação para buscar concluir seus aprendizados. Nas figuras em anexo, a prova de geografia, construída pelo professor minutos antes de sua aplicação, contém erros gramaticais que foram corrigidos no momento da prova além do baixo nível de dificuldade dos conteúdos para turma da EJA. Na figura 2, a prova de história contém questões anuladas devido à presença de conteúdos não administrados em sala de aula e a dificuldade sentida pelos alunos em relação ao assunto da prova que, segundo a professora, ocorreu um engano enquanto elaborava as questões.

Por curiosidade, a avaliação de História foi apresentada a um estudante de graduação do curso de História da Universidade Federal da Paraíba para que pudesse haver uma troca de experiência da estagiária com um aluno de história frente aos conteúdos presentes na avaliação. Nesse momento, o estudante pontuou diversos termos que, atualmente, não estão em uso adequado para a prova proposta pela professora e que podem reforçar estereótipos negativos frente à questão histórica. Houve, de certo modo, um compartilhamento de conhecimentos e ideias de estudo de caso para ambos os cursos de psicopedagogia e história

foram levantadas: respectivamente, adaptações curriculares e propostas de conteúdos históricos na prática da EJA. Pontua-se também que as correções foram feitas minutos após o início da aplicação desta avaliação.

De acordo com Paulo Freire (2008), o professor se constrói como sujeito de sua prática e de seu conhecimento, gerado a partir da associação entre teoria e prática. Assim, o mesmo deve atuar ministrando um conteúdo rico e eficaz conforme visto na teoria. Na prática, deve ser espectador dos seus aprendizes. A EJA possui uma indefinição de conteúdos, situações formativas precárias e, nos currículos de formação, não há o preparo para atuar nessa área educacional, portanto, o educador deve entender que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 1996).

Para a psicopedagogia no contexto da educação de jovens e adultos, a intervenção conta com a participação ativa da equipe pedagógica capaz de identificar as dificuldades diretas de aprendizagem como a leitura e escrita, e as dificuldades indiretas na aprendizagem que podem ser citadas como problemáticas sociais e econômicas que implicam na permanência do aluno em sala de aula. Além disso, a escola também deve garantir que os alunos da EJA façam uso de espaços externos à sala de aula, como, por exemplo, a biblioteca que permanece fechada durante a noite. Durante a realização de uma atividade, uma aluna afirmou nunca ter visto a biblioteca aberta. Logo, fica o questionamento: “Por que aquele espaço que possui tanto a oferecer permanece fechado quando ainda há alunos na escola?”, há um mal aproveitamento da biblioteca que se faz tão útil no aprendizado de um estudante e na EJA ocorre uma urgência em razão da indefinição de conteúdos e precarização das situações formativas que deveriam existir nos currículos pedagógicos para garantir uma otimização do ensino-aprendizagem.

Portanto, é essencial que o público da educação de jovens e adultos tenha sua história de vida respeitada e compreendida para que haja maiores investimentos nessa área educacional que necessita de maior atenção governamental a fim de sanar as dificuldades encontradas nesse cenário. Além disso, o Estado deve preocupar-se com a formação docente na modalidade de ensino EJA para que todos os profissionais cumpram com pontualidade seus deveres como educadores.

METODOLOGIA

O presente estudo é um relato de experiência no Estágio Curricular Supervisionado II realizado na Escola Cidadã Integral Técnica João Roberto Borges de Souza, no horário

noturno e na modalidade Educação de Jovens e Adultos. O período de vigência ocorreu de 27 de janeiro de 2025 a 05 de maio de 2025, sendo supervisionado pela coordenadora Francisca Eliana de Pontes. Essa atividade curricular supervisionada não obrigatória externa está conforme o Termo de Compromisso de Estágio (TCE) disponibilizado pelo curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba.

As técnicas de pesquisa e coleta de dados envolveram a observação da rotina e das abordagens do corpo docente, bem como a aplicação de intervenções. As ferramentas de intervenção incluíram dinâmicas e diálogos com profissionais e alunos. As tarefas desenvolvidas buscaram trabalhar a autoestima, motivação, autoconhecimento e vocabulário, visando analisar questões pessoais, emocionais e motivacionais dos alunos da EJA

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estágio revelou diversos fatores que dificultavam a execução plena das atividades: o curto período de aulas (das 19h às 21h), a alta evasão, a ausência de material didático e problemas de infraestrutura, como o fato de a biblioteca permanecer fechada durante a noite, impedindo o aproveitamento desse espaço pelos estudantes.

Em relação ao corpo docente, a angústia com a evasão era notória, assim como a preocupação com o uso de telas por parte dos jovens, que, apesar da Lei 15.100/2025 que proíbe o uso de celulares, continuavam utilizando os aparelhos. Foram observados, ainda, casos de violência, como o relato de um professor que teve seu carro arranhado após uma discussão sobre notas baixas, gerando receio e o abandono das aulas pelos estudantes envolvidos.

As avaliações docentes também demandaram análise:

- Prova de Geografia: Elaborada minutos antes da aplicação, continha erros gramaticais corrigidos na hora e apresentava um baixo nível de dificuldade para a turma da EJA.
- Prova de História: Apresentou questões anuladas devido à inclusão de conteúdos não administrados e a presença de termos considerados inadequados, que poderiam reforçar estereótipos negativos.

Diante das dificuldades, as atividades de intervenção foram planejadas para promover bem-estar e autoconhecimento. Foram elas:

1. Dinâmica das Figuras: Aplicada no primeiro dia, buscou trabalhar a motivação e resgatar memórias de infância, sendo bem recebida por alunos e professores. Houve relatos emocionantes sobre a necessidade de abandonar os estudos para trabalhar.

2. *Vision Board*: Baseada na ideia de criar um quadro de visões para o futuro, esta prática serviu como técnica de visualização para o planejamento, autoestima e autoconhecimento dos alunos, visando a inspiração e motivação.
3. Concurso de Soletração: Essa atividade, adaptada e realizada na biblioteca (espaço geralmente fechado para a EJA), permitiu analisar o vocabulário e revelou dificuldades específicas, como a troca do N/M por uma aluna que explicou a dificuldade em identificar a letra de "duas perninhas" e "três perninhas". O estágio permitiu entender que muitos alunos não participariam de atividades em sala de aula devido à vergonha e baixa autoestima, destacando a importância de espaços alternativos de aprendizado.

A análise dos resultados corrobora a necessidade de reflexão docente. O professor, ao lidar com alunos vulneráveis, precisa pensar sobre sua prática de forma crítica (Contreras, 2002). Os erros nas provas e a infantilização do ensino (Moll, 2004) evidenciam que, apesar das boas intenções, há uma lacuna na formação específica para a EJA, onde o professor, muitas vezes, julga o aluno como incapaz ou inapto para aprender o difícil.

A intervenção psicopedagógica mostrou ser uma ferramenta eficaz para abordar as dificuldades diretas (como a disortografia percebida no soletramento) e as dificuldades indiretas (falta de motivação e baixa autoestima, decorrentes de fatores sociais).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção psicopedagógica planejada tem um impacto significativo tanto para os estudantes quanto para os professores, promovendo motivação, autoconhecimento e aprimoramento acadêmico. Para os alunos, atividades como o "Vision Board" e o "Teste de figuras" estimulam a reflexão sobre objetivos e trajetórias de sucesso, reforçando a importância da continuidade nos estudos, especialmente para aqueles da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que frequentemente enfrentam desafios que podem levá-los à desistência.

Além disso, essas atividades incluem o autoconhecimento e a autoestima, como ferramenta para proporcionar uma aula dinâmica em meio aos compromissos da vida, proporcionando espaços de expressão emocional e fortalecimento da identidade, permitindo que os estudantes ressignifiquem suas histórias e se reconheçam como protagonistas de suas jornadas educacionais. Pretendia-se trabalhar a concentração e tranquilidade por meio de momentos de relaxamento, oferecendo pausas essenciais para lidar com o estresse do cotidiano, porém, essas práticas não ocorreram.

Por outro lado, para promover o desenvolvimento do vocabulário, o concurso de soletração foi proposto para ampliar as habilidades linguísticas. No que diz respeito aos professores, a intervenção buscava capacitá-los para que possam atuar de forma mais engajada no incentivo aos alunos. A formação sobre políticas de permanência nas universidades públicas oferece informações sobre cursos, regimentos estudantis e auxílios financeiros, permitindo que os docentes orientem melhor os estudantes sobre oportunidades acadêmicas. Isso não só fortalece o vínculo entre a EJA e o ensino superior, como também contribui para a redução da evasão escolar ao demonstrar que a educação pode ser um caminho viável para todos.

A escola deixou uma percepção de acolhimento e compromisso com todos ali presentes, sejam alunos, professores, secretários ou estagiários, a coordenação escolar possui uma preocupação visível com as demandas que enfrentam. Apesar de que, muitas das dificuldades encontradas na EJA, vem de uma esfera social que diz respeito ao Estado as problemáticas presentes.

Para a experiência institucional psicopedagogia, considero esse estágio como parte do crescimento pessoal e profissional pois foi crucial para compreender as distintas realidades presentes no Brasil, um país que sofre na defasagem educacional e enfrenta cortes frequentes na educação.

REFERÊNCIAS

BEISIEGEL, C. de R. **Política e educação popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil**. 4. ed. rev. Brasília: Liber Livro, 2008.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025. **Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 14 jan. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2025/janeiro/sancionada-lei-que-restringe-uso-de-celulares-nas-escolas>. Acesso em: 1 maio 2025.

CONTRERAS, J. **Autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

JARDILINO, J. R. L.; ARAÚJO, R. M. B. de (Orgs.). **Educação de jovens e adultos: sujeitos, saberes e práticas**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

MOLL, J. Alfabetização de adultos: desafios à razão e ao encantamento. In: MOLL, J. (Org.). **Educação de Jovens e Adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PINTO, Á. V. **Sete lições sobre a educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 1987.